na tua sombra

mark edwards

Tradução de Fernanda Semedo

SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Em memória de Philip Davies, 1971–1990

NOTA DO AUTOR

Partes deste romance passam-se na Roménia. Tomei algumas liberdades com a geografia desse país, incluindo o percurso do comboio da noite de Budapeste para Sighisoara. A cidade de Breva é ficcional, assim como a Ponte de Thornberry em Londres.

HUNGRIA–ROMÉNIA

AGOSTO DE 2013

CAPÍTULO 1

O comboio da noite para Sighisoara, com horário de partida de Budapeste às onze horas, atrasara-se. A estação estava silenciosa e inóspita, bares e lojas já fechados, figuras escondidas nas sombras, depois da esquina do edifício. Sentámo-nos no chão duro, cansados após um dia a perambular pela cidade sob o calor estival com as nossas mochilas. Um bando de adolescentes ali perto gritava, armava-se e importunava os transeuntes, cravando cigarros. Um homem de meia-idade abordou-nos, perguntando se precisávamos de uma refeição quente e de um sítio onde pernoitar, o seu sorriso melífluo desvanecendo-se quando corremos com ele. Polícias armados patrulhavam aos pares, escrutinando-nos com desconfiança ao passarem.

Por isso, ficámos aliviados quando o comboio finalmente parou na plataforma e mais viajantes, embora menos do que esperava, apareceram como que vindos de nenhures.

Quando estávamos prestes a embarcar, puxei a Laura para mim e disse:

— Amo-te.

Ela beijou-me.

— Também te amo, Daniel. Apesar de seres um forreta.

— Eh… — comecei, mas ela virou-se, içando a sua mochila para o comboio e lançando um sorrisinho por cima do ombro, que me mostrou que não estava realmente zangada comigo. Segui-a.

Ao passar pelos acolhedores compartimentos-cama privados, perguntei-me se teria cometido um erro. Tinha sido a minha vez de comprar

bilhetes e, em vez de reservar um compartimento privado, decidira, no último momento, comprar lugares sentados a metade do preço.

A Laura reparou que eu olhava pela janela do compartimento-cama e juntou-se a mim.

— É uma pena, de facto — disse ela.

— O quê?

— Bem, estava mesmo ansiosa por ter sexo num comboio. Nunca fiz isso.

Dei uma palmada na testa.

— Achas que é demasiado tarde para trocar os bilhetes?

Mas ela riu-se e avançou do luxo relativo das carruagens-cama para as normais. Examinou a carruagem vazia e escolheu um par de lugares ao fundo. Tirou o seu *Kindle* e uma garrafa de água do saco e instalou-se no assento duplo, estofado há muito tempo com veludo cinzento, tentando pôr-se confortável. Eu sentei-me à janela, esperando que o comboio tivesse um ar condicionado com potência suficiente para combater a humidade da noite. Tirei os óculos para limpar o suor da cara e voltei a pô-los a tempo de ver um casal jovem correr ao longo da plataforma. Entraram mesmo antes de o comboio estremecer e começar a andar. Um anúncio estalou pelo altifalante e estávamos a caminho.

O casal que vira correr para o comboio quase caiu para a nossa carruagem, ofegando, o homem rindo enquanto a sua companheira feminina parecia danada. Carregavam sacos de viagem que içaram para a prateleira da bagagem antes de se sentarem no banco paralelo ao nosso, do outro lado do corredor. Sorri-lhes e depois desviei os olhos. Embora tivéssemos feito amizades transitórias com uma série de casais na nossa viagem pela Europa, trocando endereços e *usernames* do *Twitter*, preferia observar as pessoas primeiro, certificar-me de que não eram malucas, antes de iniciar uma conversação.

A julgar puramente pelas aparências, era um casal curioso, que não condizia. Tinham ambos vinte e poucos anos, mas eu nunca os teria juntado. Ele era baixo e entroncado, com cabelos louros, curtos, e usava uma *t-shirt* caqui e calças militares. Um tipo de aparência normal que, claramente, passava muito tempo no ginásio. Em contraste, a rapariga estava toda vestida de preto, com um blusão de cabedal por cima de uma *t-shirt* dos Stranglers, além de *jeans* justos e botas de motociclista. Tinha o cabelo preto a condizer com as roupas, com madeixas carmesim. Sob pálpebras descaídas, pesadamente maquilhadas, tinha os olhos cor de café *noir*. A um

tom de distância do preto. Era vários centímetros mais alta do que ele, cerca de um metro e setenta e oito, por isso, de pé, faziam-me lembrar a Olívia Palito e o Popeye.

Falavam um com o outro na sua própria língua. Leste-europeu, obviamente, embora eu fosse incapaz de dizer se eram da Hungria, da Roménia, ou de qualquer outra parte deste meio-continente.

Quando o comboio saía da cidade, mais um passageiro entrou pelo outro lado da carruagem. Tinha cerca de quarenta anos, era entroncado e o rosto estava marcado pela acne. Não trazia bagagem. Apesar de a maior parte dos assentos da carruagem estarem vazios, sentou-se no lugar diagonalmente oposto a mim e à Laura. Avaliou-nos, obviamente não lhe agradando o que viu, depois fechou os olhos e abanou-se com um jornal.

Observei Budapeste a passar, as luzes da cidade apagando-se enquanto a viagem progredia.

— Preciso de uma bebida — disse eu após algum tempo. — Deve haver uma carruagem-bar aberta algures no comboio.

— Só depois de atravessar a fronteira.

Levantei os olhos. Era o tipo do outro lado do corredor. Encolheu os ombros amigavelmente e disse:

— A carruagem-restaurante só abre quando chegarmos à Roménia. Dentro de… — viu as horas — …cerca de duas horas e meia.

— Eu sabia que devíamos ter comprado mantimentos em Budapeste.

— Não se preocupem — disse ele, pondo-se de pé de um salto. — Temos muitos. — Tirou um saco de viagem do meio da bagagem e atravessou o corredor para se sentar à nossa frente. Após um momento, a companheira seguiu-o, sentando-se ao lado dele e cruzando as pernas. Ele abriu duas latas de cerveja húngara e pô-las nas nossas mãos antes de termos tempo de protestar.

— Sou o Ion — disse, abrindo mais duas latas. — E ela é a Alina.

CAPÍTULO 2

As janelas do comboio estavam preto-mate, a escuridão quebrada apenas pelo vislumbre ocasional de luzes à distância. Olhei para o meu reflexo, a minha cara esticada como plástico derretido por qualquer defeito no vidro. Era sinistro. Desviei o olhar e foquei a atenção nos nossos novos companheiros.

O Ion pousou a mão no joelho da Alina, acariciando-o. Então, eles *eram* um casal.

— O que é que vos traz à Roménia? — perguntou ele com um grande sorriso. Ao seu lado, a Alina tinha um sorriso mais discreto, parecendo enfadada.

A Laura respondeu antes de eu poder fazê-lo.

— Estamos a viajar pela Europa. Passámos as últimas semanas estendidos em praias…

— Que bom.

— …mas queríamos visitar a Europa de Leste, absorver alguma cultura e não só raios solares.

O Ion assentiu com a cabeça.

— Boa escolha. A Roménia é um país muito bonito. Claro que há muitos problemas, com a pobreza, os ciganos romani e isso. — Abanou a mão, como se fosse um tema aborrecido. — Mas esta é a Europa real. Muito mais interessante do que uma praia espanhola.

Notei que a Alina revirou os olhos quase impercetivelmente.

— Então vocês são da Roménia? — perguntou a Laura à Alina, tentando puxá-la para a conversa.

— Sim.

A Laura esperou, mas não foram ditas mais palavras.

— Ela é de Sibiu — disse o Ion. — É para onde vamos agora, visitar a família dela. Estou ansioso por ver se a mãe da Alina é tão boazona como a filha.

Sorri.

— Falas um excelente inglês. Espero que isto não pareça condescendência…

— Não, nada disso. Foi onde eu e a Alina nos conhecemos, nas aulas de Inglês. — Subiu mais a mão na perna da namorada. Ela permaneceu de rosto fechado. — Então, onde é que estiveram na vossa volta pela Europa? — perguntou ele, olhando da Laura para mim.

Respirei fundo.

— Começámos em Bruxelas, depois descemos para França, a seguir Espanha, uma semana em Ibiza, e depois Itália — Roma e a costa de Amalfi —, seguimos para a Grécia e subimos pela Croácia até à Hungria.

E era isto. Dois meses gloriosos condensados numa lista de mercearia. Os pormenores, as memórias, eram preciosos para mim e para a Laura. A viagem, o nosso *Grand Tour*, como lhe chamávamos brincando connosco próprios, tinha sido transformacional. Sendo turistas típicos na Torre Eiffel e no Louvre, observando as pessoas e vendo todos os nós dos nossos músculos desatarem-se ao, finalmente, relaxarmos depois do que tinha sido um período intenso em casa. Fazendo a vida louca em Espanha, dançando e bebendo no festival de música de Benicassim, passando noites inteiras nas discotecas e dormindo todo o dia em Ibiza. Fazendo compras e alugando *scooters* e fazendo mais compras em Roma. Fazendo amor numa praia na costa de Amalfi, dormindo sob as estrelas e falando sobre os filhos que teríamos quando voltássemos a Inglaterra. Fazendo *snorkelling* entre um arco-íris de peixes ao largo de Santorini. Posando para tantas fotografias no Plitvice Lakes National Park que comecei a sentir que a minha alma estava a ser afetada.

Isto era a vida, realmente vivida, realmente experienciada, um momento de magia que passaria rapidamente diante dos nossos olhos antes de morrermos. E partilhá-lo, viver estas experiências juntos, significava que eu e a Laura estávamos mais próximos do que nunca.

Falar com o Ion e a Alina, fazer-lhes este resumo esquemático da nossa viagem, deu-me saudades do meu melhor amigo em Inglaterra, Jake. Ele era a única pessoa, além da Laura, com quem eu podia ser completamente aberto e honesto. Sempre que tinha oportunidade, enviava-lhe *e-mails* com longos relatos do que eu e a Laura tínhamos feito, como se lhe mandasse

páginas do meu diário. Em troca, ele contava-me todas as coisas empolgantes que estavam a acontecer-lhe em Londres, enquanto continuava a tentar singrar como músico.

Fiz uma pausa, perguntando-me que mais havia de contar a estes estranhos, não desejando entrar em detalhes de como, nos últimos dias, em Dubrovnik e Budapeste, o cansaço tomara conta de nós. Talvez tivéssemos saudades de casa, apesar de estarmos a passar um tempo maravilhoso, ou sentíssemos a urgência humana de assentar, de passar um período no mesmo sítio. Na verdade as nossas pernas pareciam mais pesadas e foi difícil sentir muito entusiasmo por essas duas magníficas cidades. A Laura sugerira voltarmos a Itália ou a Espanha, alugarmos um apartamento e ficarmos durante algum tempo, mas eu insisti em que continuássemos a *Tour*. Que mantivéssemos os planos. Depois da Roménia iríamos novamente para norte: Rússia, Alemanha e a seguir a Escandinávia. O fim da *Tour* estava programado para o dia do meu aniversário dos trinta e cinco anos em Estocolmo. Depois regressaríamos a casa, em Londres.

Para casarmos. Começarmos uma família. Não necessariamente por esta ordem. A melhor amiga da Laura, Erin, estava grávida, e eu sabia que assim que a Laura visse o seu bebé, ia querer engravidar o mais depressa possível. E para mim estava tudo bem.

— E são só vocês os dois? — perguntou o Ion.

— Exatamente.

— Parece que passaram um tempo fantástico.

— Tem sido…

— Demasiado bom para pôr em palavras?

— Isso mesmo.

Antes de eu poder dizer mais alguma coisa, reparei que o Ion fazia uma expressão de surpresa em relação à Laura, por isso virei-me para ela. Parecia desconfortável.

O Ion disse:

— Ouçam, peço desculpa se estamos a ser intrusivos. Podemos voltar para os nossos lugares…

— Não, não, não são vocês. — Ela inclinou-se para a frente e eu e o Ion fizemos o mesmo, ficando quase abraçados. A Alina permaneceu direita. — Não olhem — disse a Laura. — Mas aquele tipo não para de olhar para mim.

Não consegui não olhar. O homem de cabelo curto que entrara na carruagem depois do Ion e da Alina tinha agora os olhos abertos e estava a ler o jornal.

— Tens a certeza? — perguntei.

— Sim… — sussurrou ela. — Estava a… olhar para as minhas pernas. Está a olhar agora.

Voltei a olhar e o homem levantou os olhos ao encontro dos meus. A sua expressão era inescrutável, mas manteve o contacto visual de uma maneira que poucas pessoas em Inglaterra fariam. Finalmente, com um sorriso sem humor nos lábios, voltou ao jornal.

— Vamos trocar — disse para a Laura, e ela mudou para o lado da janela, ficando fora da linha de visão direta do estranho. De certa forma, eu compreendia porque é que ele olhava para ela, com o seu cabelo louro-avermelhado, olhos azuis e pernas que eram a oitava maravilha do mundo natural. Esta noite usava calções porque estava calor, não por gostar que olhassem para ela.

Ela devia ser areia a mais para a minha camioneta. Felizmente para mim, sentia-se atraída por cromos altos e com óculos. O meu cabelo é de um tom de castanho normal, sou demasiado magro e pareço um bocadinho o tipo que era ridicularizado nos anúncios antigos. Felizmente, há mulheres por aí que gostam mais dos tipos como eu do que dos que os ridicularizam.

Enquanto a Laura mudava de lugar, a Alina virou-se e olhou diretamente para o homem, que estava outra vez a observar-nos. Ele acabou por desviar o olhar, com um sorriso desdenhoso.

— Apanham-se muitos gajos assim, que acham normal olhar para uma mulher como se vissem uma montra. Está sempre a acontecer à Alina.

Ela assentiu com a cabeça uma vez.

Peguei na mão da Laura e dei-lhe um apertão rápido. Sabia que ela devia estar a sentir-se embaraçada, por isso disse:

— Vamos mudar de assunto.

— Boa ideia — disse o Ion. — Então, o que é que vocês fazem? Quando não estão a viajar?

— A Laura trabalha em *marketing* — expliquei. — Para uma instituição social de crianças.

— Interessante.

— Na verdade, não é — disse a minha namorada.

— Mas estás a fazer uma coisa boa.

A Laura bebeu um pouco da sua cerveja. Sendo a pessoa mais leve que já conheci, estaria com um grão na asa quando a terminasse.

— É melhor do que vender *Coca* — disse ela.

O Ion arregalou os olhos.

— Quero dizer *Coca-Cola*.

Rimo-nos os três. A Alina ainda lançava olhares hostis ao outro tipo.

— Suponho que não tenham filhos? — perguntou o Ion.

— Não — disse a Laura, ao mesmo tempo que eu respondia: — Ainda não.

Ele olhou de um para o outro com curiosidade.

— Esta é a nossa grande viagem antes de começarmos uma família — disse eu.

— De *tentarmos* começar uma família — corrigiu a Laura. — Não se pode dar nada como garantido. Pelo menos, na minha idade.

— Só tens trinta e quatro anos.

Tínhamos tido esta conversa muitas vezes. Era uma das razões de estarmos a fazer esta viagem agora. O relógio biológico da Laura estava a tiquetaquear cada vez mais alto — ela dizia sentir-se como o crocodilo em *Peter Pan*, com um relógio dentro dela, e eu também estava preparado. Porém, depois de vermos os nossos amigos com filhos limitados a cansativas férias de família, sugerira à Laura que fizéssemos uma última grande viagem antes de começarmos a construir o ninho. E esta viagem fora possível graças a um golpe de sorte — ou, melhor, ao resultado de um longo período de trabalho intenso.

— E tu? — perguntou-me o Ion.

— Sou programador — respondi. — Criei uma aplicação para *iPhones* e *iPads* e vendi-a a uma das grandes tecnológicas. — Como sempre, eu queria parecer modesto e não gabarola ao falar disto.

— Foi por isso que pudemos pagar esta viagem — acrescentou a Laura.

— Que tecnológica? — perguntou o Ion. — Deixa-me adivinhar… *Google*? *Facebook*?

— Não, a *Skittle*. — A *Skittle* era uma das maiores da nova colheita de empresas tecnológicas que crescera nos últimos dois anos, especializando-se em aplicações móveis.

— Ena, isso é mais que fantástico. Ouviste, Alina?

Ela arrancou a atenção da janela e acenou para mim.

— Fantástico — disse.

— Então és famoso em Inglaterra? — perguntou o Ion, com os olhos a brilhar.

— Não! Quase não sou famoso no meu próprio apartamento. O que é que vocês os dois fazem? — Eu não tinha permissão para falar da minha *app* antes de esta ser oficialmente anunciada; tinha assinado um acordo de confidencialidade. Deliberadamente, dirigi a pergunta a Alina, cujas

reticências estavam a deixar-me desconfortável. Mas o Ion falou antes de a namorada ter hipótese.

— A Alina é ilustradora.

— A sério? De que género de coisas?

— Banda desenhada — respondeu ela, encontrando os meus olhos. Pela primeira vez, vi uma faísca de algo que não era enfado. Orgulho, e um vestígio de desafio, como se esperasse ser ridicularizada.

— Isso é fixe — disse eu, genuinamente impressionado.

— Sim — disse o Ion. — Vamos fazer uma coisa em conjunto, não é? — Acariciou-lhe o joelho.

— Então, quê, és escritor? — perguntei.

Antes de ele poder responder, a Alina disse:

— Ele não faz nada.

O volume do sorriso dele desceu um pouco.

— Isso é um bocadinho injusto.

Isto era interessante: o súbito estalar de tensão entre eles.

O sorriso do Ian voltou a crescer, mas tirou a mão do joelho dela.

— Pronto, estou entre empregos neste momento. Mas estou a escrever um livro. Além de… estão a ver, a cena com a Alina.

— É acerca de quê? O livro?

— Oh, é só, tipo, a minha filosofia pessoal. Pensamentos que tenho sobre… cenas.

A Laura tinha ido à casa de banho. Fiz uma nota mental para lhe falar do livro do Ion, sabendo que ela acharia divertido.

Quando o Ion ia começar a elaborar acerca do seu trabalho em progresso, o comboio parou numa estação. Estava quase deserta, apenas um homem na casa dos sessenta anos com uma enorme mala de viagem.

A Alina, para minha surpresa, deu um salto e atravessou a porta, ajudando o homem a entrar na carruagem. O velhote, que parecia forte e bastante em forma para carregar sozinho a mala, agradeceu-lhe na sua língua e dirigiu-se a um lugar no outro extremo da carruagem.

Conversámos os quatro durante a hora seguinte. O Ion queria saber tudo acerca da aplicação que eu tinha desenvolvido e falámos algum tempo acerca disso, enquanto a Laura e a Alina, que saíra do seu casulo depois de ajudar o homem mais velho, conversavam acerca da viagem. Lisonjeado por o Ion parecer tão interessado e impressionado — estava habituado a que os meus

amigos revirassem os olhos quando eu dizia fosse o que fosse acerca da *app* —, esqueci-me temporariamente do meu acordo de confidencialidade.

Quase no final da conversa, os guardas de fronteira húngaros, com casacos azuis e coletes amarelos refletores, entraram no comboio e verificaram os passaportes. Examinaram o de Alina durante muito tempo antes de finalmente passarem ao passageiro seguinte. Tal como os polícias na estação, tinham armas nas ancas.

Depois de eles se irem embora e eu voltar a guardar os nossos passaportes e bilhetes na mochila, a Laura sussurrou-me ao ouvido:

— Aquele gajo está outra vez a olhar para mim.

— Quê?

— Está a olhar para o meu reflexo no vidro.

— Tens a certeza de que não estás a ser paranoica?

— Talvez. Não sei. — Ela fletiu os ombros e arqueou o pescoço. — Estou tão cansada.

— Eu sei. Eu também. — Bocejei. — Mas este banco é demasiado desconfortável.

O Ion, que acabava de voltar da casa de banho, ouviu-me.

— Olhem, há um compartimento-cama vazio ao fundo do corredor. Porque é que não vão lá dormir um pouco? — A sua voz era baixa, conspirativa. — Os guardas romenos só virão daqui a umas duas horas, e podemos estar atentos e ir acordar-vos assim que atravessarmos a fronteira.

— Não sei — disse a Laura.

— Não haverá problema — garantiu o Ion.

— Penso que é uma boa ideia — respondi a Laura.

Ela fez uma careta, dividida entre o desejo de dormir e a sua relutância em infringir regras.

— Vai lá, Laura — disse a Alina. — Prometo que vos acordamos.

— Anda — disse eu. — Também vou pôr o alarme no meu telefone. A que horas atravessaremos a fronteira?

O Ion olhou para o relógio.

— Saímos de Budapeste com 40 minutos de atraso. Têm um pouco menos de duas horas.

— Oh, está bem — disse a Laura. — Obrigada.

Relanceou a carruagem e eu percebi o que a fez decidir-se. O homem estava outra vez a olhar para ela, a ponta da língua entre os dentes, uma perna a subir e a descer. Lentamente, desviou os olhos, com um sorriso na cara.

CAPÍTULO 3

O compartimento-cama era minúsculo, contendo duas tarimbas estreitas com um intervalo de menos de um metro entre ambas. Do outro lado da janela: escuridão. Estávamos agora bem embrenhados na zona rural húngara. Não conseguia sequer imaginar como seria a paisagem. Florestas? Planícies? Encostei a cara ao vidro. Nem estrelas avistava. Se não fosse o brilho ocasional de um edifício isolado, o comboio podia estar a atravessar o espaço. Podíamos estar em qualquer sítio. Podíamos estar no fim do mundo.

A Laura descalçou as botas e afundou-se numa das tarimbas. Eu sentei-me em frente dela e tirei o telemóvel da bolsa da mochila. A bateria estava quase morta — a maldita coisa estava *sempre* quase morta —, mas liguei o alarme, esperando que durasse até lá.

— Então, o que achas dos nossos dois novos amigos? — perguntei.

— Não sei bem. Ele está um bocadinho apaixonado por si próprio. Estou ansiosa por ler o seu livro. — Ergueu os olhos para o teto. — Mas a banda desenhada da Alina parece interessante. Ela disse-me que é sobre o poder feminino, uma espécie de *twist* feminista na história típica do super-herói. Prometeu enviar-me um exemplar.

— Fixe. — Aproximei-me da tarimba dela e inclinei-me para a beijar. — Disseste que sempre tinhas desejado ter sexo num comboio.

— És impagável. Bem, se tivesses comprado um compartimento destes para a noite toda, talvez fosse diferente. Mas o propósito de vir aqui é dormir um bocado.

— Vá lá, vai ser excitante. Será que consigo… — baixei-me para a beijar — …persuadir-te?

— Hum… talvez. — Ela devolveu-me o beijo. Deslizei a mão pela sua coxa macia e a respiração dela ficou mais pesada; podia sentir o seu coração a disparar ao encostar-se a mim. — Tranca a porta — disse ela, interrompendo o beijo. A pele que lhe cobria a clavícula estava ruborizada.

Levantei-me o melhor que consegui e tentei trancar a porta.

— Oh, com um caraças. Está avariada. Não fecha. — Devia ser por isso que o compartimento estava vazio.

— Nesse caso, é melhor tomares um duche frio.

Deu-me mais um daqueles sorrisinhos que eu adorava e virou-se para a parede. Não pude deixar de rir. Derrotado por uma tranca. Deitei-me na outra tarimba e observei a respiração dela a mudar. Minutos depois, tinha adormecido.

Estava decidido a manter-me acordado e voltei a pegar no telefone para jogar, apesar de isso gastar a bateria. Tinha um conversor de tomada algures na mochila, mas não consegui reunir a energia para me levantar da tarimba e procurá-lo. Ficaria acordado, de qualquer forma, para o caso de alguém tentar atravessar a porta destrancada, por isso não fazia mal ficar sem bateria. Carregá-lo-ia antes de chegarmos ao destino, caso conseguisse encontrar uma tomada.

Tinha deixado cair o telefone em Itália e o ecrã partira-se. Joguei por um bocado, espreitando através da teia de aranha de fissuras, consciente do peso crescente das minhas pálpebras. Disse a mim mesmo que pararia de jogar num minuto e mexer-me-ia, beberia um pouco de água. O comboio matraqueava e fazia-me balançar na tarimba. Precisava de me manter acordado.

Fechando os olhos, decidi que não faria mal descansá-los.

Sentei-me muito direito. Estava frio e suado e a minha boca sabia ao interior de um túmulo. O telefone caiu ao chão com um estrondo. Tinha sonhado que estava num caixão e alguém batia na tampa.

BANG BANG BANG.

A Laura virou-se e abriu os olhos, exatamente quando a porta se abriu completamente e uma voz com um forte sotaque disse:

— Passaportes.

CAPÍTULO 4

Pestanejei para os guardas, o meu cérebro inundado de sono recusando-se a funcionar.

O que estava à minha frente tinha o braço estendido.

— Passaportes.

A Laura pôs-se em ação antes de mim, agachando-se no chão e abrindo a bolsa da frente da minha mochila.

Os guardas observaram-na. O da frente andava na casa dos trinta, com excesso de peso, careca e uma barba rala no queixo. O colega era um pouco mais jovem, com uma barba bem aparada e intensos olhos azuis. Tinham ambos a mesma expressão impaciente e aborrecida, como se tivessem acabado de saber que iam sofrer um corte salarial. O guia de viagem dizia que os guardas fronteiriços romenos eram acolhedores e amigáveis, por isso sorri e acenei-lhes. Não me sorriram de volta.

A Laura olhou-me por cima do ombro com uma expressão ansiosa e abriu o fecho da bolsa da frente da mochila dela. Procurou lá dentro, depois virou-se para mim, com o rosto pálido.

— Não estão aqui — disse-me.

— O quê?

Os guardas observaram enquanto eu me baixava junto dela, enfiando a mão no bolso da frente onde guardava sempre os passaportes, bilhetes e dinheiro.

— Estavam aqui — disse baixinho. — De certeza. Voltei a pôr aqui os passaportes depois de os guardas húngaros os verem.

— Tens a certeza? — sussurrou a Laura.

— Sim. — Tinha noção de que a minha voz tremia ligeiramente. — Não me viste fazê-lo?

— Não sei. — Os olhos dela estavam enormes, com o pânico a instalar-se. — Não estava a olhar.

— Rápido — bradou o guarda.

Levantei as mãos.

— Desculpe, só um momento.

Ele bateu o pé metronomicamente, um som oco que reverberou através do compartimento, enquanto eu procurava nos bolsos laterais da mochila, não encontrando nada além de bocados de pastilha elástica e vários bilhetes e panfletos amarrotados. Enquanto Laura procurava na sua própria mochila, meti a mão no compartimento principal. A minha mão tocou em algo que parecia um passaporte e o meu coração saltou por um momento, mas era apenas um panfleto que tinha trazido de um museu em Barcelona.

Pensei intensamente. Tinha mesmo voltado a guardar os passaportes? Talvez, por distração, os tivesse deixado no banco onde estivéramos sentados com a Alina e o Ion. Não. Lembrava-me de ter aberto a mochila porque o fecho encravara e exigira alguns puxões antes de voltar a fechar. Sem dúvida que os tinha posto na bolsa da frente.

O pé do guarda continuava a bater. Relanceei a Laura. Ela tinha ficado ainda mais pálida.

— Desapareceram — disse eu, a palavra ficando-me presa na garganta.

O Guarda Careca disse qualquer coisa em romeno ao colega, a sua voz baixa e maldisposta.

Levantei-me.

— Os nossos passaportes, os nossos bilhetes… foram roubados.

O guarda fitou-me, depois à Laura, que estava ao meu lado. Procurei a mão dela e apertei-a. Ele reparou e riu-se desdenhosamente.

— Somos ingleses — disse eu, como se isso pudesse fazer alguma diferença, e agora ambos ostentavam sorrisos desdenhosos. Uma parte de mim estava tentada a transformar o meu comentário ridículo numa piada, mencionar a Rainha, o Harry Potter, o Manchester United. Mordi a língua.

— Como é que se chamam? — perguntou o Guarda Careca.

Dissemos-lhes. Daniel Sullivan, Laura Mackenzie.

Eu estava confiante de que isto podia ser resolvido. Eles estariam do nosso lado. Nós éramos vítimas de um crime, e o ladrão ainda devia estar no comboio. Será que este tinha parado por um momento para os polícias

entrarem? Eu não tinha dado por isso. Fosse como fosse, nós éramos as vítimas e estes homens, estas figuras da autoridade, poderiam ajudar-nos. Certo, não devíamos estar no compartimento-cama, mas encontrava-se vazio. Em Inglaterra, se viajássemos na parte errada de um comboio ou sem bilhete, exigiam-nos que pagássemos o excesso ou uma multa. Ia ficar tudo bem.

— Alguém deve ter entrado no compartimento enquanto dormíamos — disse eu. — E roubou-nos as coisas.

Não fazia ideia se os polícias me percebiam. Olhavam-me com expressões vazias. Depois, o Guarda Careca, que parecia ser mais sénior, disse qualquer coisa ao Guarda Barbudo, que saiu do compartimento e seguiu pelo corredor.

O Guarda Careca pegou na minha mochila e começou a tirar as coisas. As minhas *t-shirts* lavadas, o guia *Europa de Comboio*, os meus óculos de sol. Havia um saco cheio de roupa suja no fundo da mochila. Vi-o levantá-lo e abri-lo, depois fazer uma careta e recuar. Atirou-o para cima da tarimba com o resto dos artigos que tinha retirado e resmungou, depois pegou na mochila da Laura. Abriu-a e espreitou lá para dentro, atirando o saco de maquilhagem dela para o chão.

— Ei — disse eu. — Não pode fazer isso.

Ignorando-me, ele vasculhou na mochila da Laura, retirando o seu saco de roupa suja e lançando-o de novo lá para dentro imediatamente. Depois tirou um sutiã preto e cor-de-rosa lavado, estendeu a mão com ele e olhou diretamente para o peito da Laura. Eu pus-me em frente dela e ele riu-se, atirando o sutiã para a pequena pilha das nossas posses e a mochila para o lado da minha.

A Laura sentou-se na tarimba e recomeçou a meter as nossas coisas nas duas mochilas. Estava a tremer e a única coisa que eu queria era confortá-la, melhorar a situação. Fazer isto parar.

Senti necessidade de dizer alguma coisa ao polícia, de lhe fazer um apelo, de o fazer compreender, mas antes de poder pensar em algo de útil para dizer, o Guarda Barbudo voltou. Com ele estava outro homem, alto, magro, de rosto macilento. Usava um uniforme da empresa ferroviária. Tinha na mão uma comprida folha de papel contendo o que supus ser a lista de reservas. Passou o dedo pela lista e abanou a cabeça.

O revisor ferroviário e os dois guardas fronteiriços trocaram algumas frases rapidamente.

O Guarda Careca apontou para mim, procurando na memória as palavras inglesas de que precisava, no momento em que a Alina chegou.

— Graças a Deus — disse eu. Alguém que falava romeno. Ela seria capaz de lhes explicar tudo. Nunca me tinha sentido tão feliz por ver uma pessoa. — Alina, roubaram-nos os passaportes, os bilhetes e todo o nosso dinheiro. Podes explicar-lhes isto? Acho que não compreendem.

Eu queria que a Alina parecesse profissional, calma, mas ela parecia nervosa, inquieta. Falou aos homens na sua língua materna, as palavras rápidas e duras.

O Guarda Careca abanou a cabeça, apontando para nós e depois para a lista do guarda ferroviário.

A Aline ouviu, depois virou-se para nós.

— Eles dizem que não deviam estar aqui. Este compartimento devia estar vazio.

Pois, certo, queria eu dizer-lhe. *Talvez possas explicar-lhes que a ideia foi do teu namorado?* Mas de que é que isso me servia?

O homem com o uniforme da companhia ferroviária falou. A sua voz era fraca, roufenha.

— Eles acusam-vos de serem… — A Alina procurou as palavras e lembrou-se de algo que devia conhecer dos filmes. — Clandestinos?

— Penduras — disse eu. — Mas nós tínhamos bilhetes. Bilhetes normais. Foram roubados. Por favor, diz-lhes que pedimos desculpa, sabemos que não devíamos ter ocupado o compartimento-cama. Mas comprámos bilhetes. Somos vítimas de um crime.

Ela assentiu com a cabeça e, supus, transmitiu isto aos homens.

O guarda careca emitiu uma exclamação universal:

— Ah!

A Alina voltou a falar-lhe, levantando a voz, o seu nervosismo dando lugar à ira. Percebi, pela forma como eles a olhavam — o blusão de cabedal, as botas, o cabelo e a maquilhagem —, que a achavam estranha. Se ela estivesse vestida com elegância, fosse mais velha, com uma aparência mais conservadora, talvez tudo tivesse sido diferente. Ou talvez fossem os seus modos. A Alina, percebi demasiado tarde, não era a melhor embaixadora, e em breve estavam a discutir, ela e o Guarda Careca, o volume de ambas as vozes crescendo, as palavras sobrepondo-se, sem nenhum deles ouvir o outro.

Um homem no compartimento adjacente espreitou para fora e o Guarda Barbudo gritou-lhe, o que o fez fechar rapidamente a porta.

A discussão entre a Alina e o guarda escalou, ambos disparando palavras duras para o outro. De repente, o guarda levantou a mão e cuspiu uma

única sílaba — «Para» ou «Basta»? — e disse algo ao guarda ferroviário, que assentiu com a cabeça e se foi embora.

O Guarda Careca apontou para mim e para a Laura e disse:

— Venham.

A Alina protestou e ele empurrou-a, impelindo-a ao longo do corredor. Ela fez várias tentativas de se virar para trás, ainda a discutir, mas ele pôs-lhe as mãos entre os ombros e empurrou-a.

— Que está a acontecer? — perguntei, seguindo-a. — Alina?

Ela não respondeu, apenas continuou a debitar uma torrente de romeno.

— O comboio está a abrandar — disse a Laura, com a voz abafada.

Tinha razão. Estávamos a abrandar, como se entrássemos numa estação, os freios a guincharem. O guarda abriu a porta que dava para a passagem entre as carruagens e empurrou a Alina para lá, enquanto ordenava: — Venham, venham —, para mim e para a Laura.

O comboio continuou a abrandar, a vasta escuridão lá fora pontuada por algumas luzes débeis. O comboio abrandou mais e parou, os freios emitindo um gemido agudo, e eu cambaleei para trás, batendo com o ombro na parede. O comboio imobilizou-se, as portas silvaram e abriram. Olhei por cima do guarda e da Alina para um pequeno apeadeiro ao ar livre, a plataforma trinta centímetros abaixo de nós.

Só então percebi o que estava a acontecer. Disse: — Não! —, mas o guarda ignorou-me. Empurrou a Alina do comboio, fazendo-a cair de joelhos na plataforma escura, e depois pegou no braço da Laura, atirando-a também para fora do comboio. Ela deu um grito enquanto meio caía, meio saltava, aterrando de pés e conseguindo ficar direita. Finalmente, atirou-me também do comboio. Virei-me para lhe gritar, suplicar, e ele atirou as nossas mochilas para junto de nós. Caíram com um estrondo.

— Não pode fazer isto! — gritei, mas ele só ficou ali, bloqueando a saída até as portas se fecharem, os olhos frios e duros. Momentos depois, o comboio pôs-se em movimento e enquanto estávamos ali, perplexos, alguém apareceu à janela onde estivéramos sentados inicialmente, antes de tomarmos a decisão idiota de mudar: o Ion, uma expressão chocada no rosto.

O comboio afastou-se, ganhando velocidade, saindo da estação. Vi-o deslizar para a escuridão, deixando-nos para trás, na obscuridade, numa plataforma no meio de nenhures.